

O ANTIGO E O MODERNO NA CUIABÁ DE ANTANHO EM MARPHYSA, DE DUNGA RODRIGUES

Hilda Gomes Dutra Magalhaes *

Resumo

Objetivamos, neste artigo, analisar a tensão entre o antigo e o moderno nas imagens de Cuiabá apresentadas no livro *Marphysa*, de Dunga Rodrigues, publicado em 1981, mas com o registro dos costumes da capital matogrossense no início do Século XX. No contexto deste estudo, o antigo se refere a uma sociedade pré-industrial, apegada aos valores e saberes da vida pacata do interior do Brasil Central. O moderno se refere às novidades trazidas pela modernização da sociedade brasileira do início do Século XX, cujos ícones são representados principalmente pela vida cultural mais agitada e pela instauração de um novo modelo de consumo, impulsionado pelo desenvolvimento de uma economia industrial no País. Durante a análises percebemos que ue a sociedade cuiabana abordada por Dunga Rodrigues em *Marphysa* é a sociedade que marca a transição do século XIX para o século XX, marcada pelas tensões entre o antigo e o moderno, o que conferia à Capital uma característica no mínimo peculiar, com situações que mais pareciam quadros surreais, incorporando no cotidiano da cidade, muitas vezes de forma curiosa e engraçada, símbolos do antigo e do moderno.

* Universidade
Federal do
Tocantins

Palavras-chave: Literatura Matogrossense; Romance de costumes; Análise literária.

Já afirmava Aristóteles (1966) que a literatura apresenta como uma de suas especificidades a verossimilhança, princípio pelo qual se estabelece uma íntima relação entre o mundo fictício e o real. Essa relação é mediada pela recriação estética, que apresentará maior ou menor equivalência realidade/ficção, dependendo da natureza da obra.

No caso das biografias, das memórias e dos romances de costume, por exemplo, essa equivalência com o

real se estabelecerá num nível bastante elevado, numa linguagem limítrofe com a da História. Para Moisés (1997, p. 289) tanto as biografias quanto as memórias são exemplos de textos literários híbridos, sendo que vão se diferir quanto à finalidade. Assim, a biografia consiste em relatar a vida alheia o mais objetivamente possível, enquanto que as memórias apresentam a um só tempo memórias “do eu que se narra e de sua circunstância, na qual se incluem outras personagens: memórias do ‘eu’ e dos ‘outros’, e duma





forma em que, via de regra, os dados íntimos se mesclam aos fatos verídicos” . (MOISÉS, 1997, p. 286). Já o romance de costume se caracteriza, segundo Silva (2005, p. 1) pelo

estudo das relações humanas em sociedade através do levantamento de acontecimentos, tipos sociais, usos, costumes, convenções, paisagens, cenas, épocas, lugares, quer no tempo ou no espaço, produzindo um amplo conjunto de realidade que, uma vez observada, é transformada mediante as posições intelectuais e afetivas do autor, originando assim enredos imaginários, abundante em conflitos tanto entre indivíduo e grupo quanto entre o autor e os padrões sociais.

Neste sentido, Antônio da Silva Moraes, ao apresentar o livro, nos informa que a escritora

Convoca na memória um tempo, um lugar, muitas pessoas, muitas coisas, muitos fatos passíveis de, certamente, se rearticularem num relato de cunho denotativo. Mas, porque a memória é denominada pela recordação, pelo investimento sentimental de Dunga, sua narrativa ficcional pretende ser mais que um sucedâneo do discurso histórico, com o qual normalmente se pretende manter uma relação analítico-descritiva. Marphysa é um chamamento para os valores humanos locais por vezes considerados anacrônicos pelos que chegam de um tempo e de um lugar diferente. Marphysa não é somente a memória e a recordação. É a consciência da necessidade de resgate do que facilmente se perde pelo esquecimento. (MORAES, 1981, p. 5-6)

A natureza mimética da obra é, aliás, explicitada pela própria autora no comentário que precede o texto:

Devo esclarecer, entretanto, que, se os fatos pulularam na vida real, tendo o seu cunho de veracidade, eles não se referem a nenhum indivíduo em especial. São fatos presenciados por mim, ou conhecido de ouvir contar,

possíveis de terem acontecidos, mas longe de estarem focalizados em determinadas pessoas. Se, às vezes, me refiro a alguém, cujo nome pertence a pessoa conhecida, é para lembrá-la e fazê-la conhecer as gerações atuais, porque foram pessoas muito valiosas, bastante queridas. É como uma homenagem que lhes presto. (RODRIGUES, 1981, p. 7)

A partir do exposto e considerando a intenção quase histórica da obra, objetivamos, neste artigo, destacar a tensão entre o antigo e o moderno nas imagens de Cuiabá apresentadas no livro *Marphysa*, de Dunga Rodrigues, publicado em 1981, mas com o registro dos costumes da capital matogrossense no início do Século XX. No contexto deste estudo, o antigo se refere a uma sociedade pré-industrial, apegada aos valores e saberes da vida pacata do interior do Brasil Central. O moderno se refere às novidades trazidas pela modernização da sociedade brasileira do início do Século XX, cujos ícones são representados principalmente pela vida cultural mais agitada e pela instauração de um novo modelo de consumo, impulsionado pelo desenvolvimento de uma economia industrial no País.

Iniciando a análise do livro pelo perfil de Marphysa, a personagem principal, percebemos que pertence à elite da sociedade cuiabana, representada pela família do comerciante Coronel Gusmão, o que explica o fato de o livro trazer uma visão de mundo da classe dominante, embora determinados costumes sejam comuns a todas as classes sociais. Um desses costumes consiste, por exemplo, na nomeação dos recém-nascidos, a exemplo do ocorrido quando do nascimento de Marphysa, a protagonista do romance:

Marphysa deveria chamar-se Hortência, uma flor rara nestas paragens, pois é de clima tropical. D. Tetéia fora a Petrópolis, a cidade das Hortências, coo se apelidava, e



se encantou com a cercadura azul, desse flor que embelezava aquela cidade.

Mas o hábito de se conferir aos padrinhos, em especial à madrinha, a honra do nome do afilhado, deu no que dava sempre: os nomes feios a proliferarem por aí.

(...)

Como íamos dizendo, os padrinhos sempre, por falta de imaginação, escolhiam para os afilhados o nome do santo do dia, já que a eles, por uma deferência especial, competia esta lisonjeira tarefa.

E lá ia, pela vida a fora, o coitadinho carregando um nome horrível como: Fulgêncio, Sinfrônio, Cunegundes e daí só era salvo com um apelido, no mais das vezes tão feio e pejorativo quanto o próprio nome, ou nome próprio. Era melhor ser Generoso, do que Geco, ou Jinu; Antonio que Tonho, João que Janjão. Além do mais, os padrinhos costumavam acrescentar os próprios sobrenomes.

Assim, numa família, enquanto uns eram Monteiro, outros irmãos eram Barros, Siqueira, Metelo, etc.

Fiinha não escapou a esta fatalidade. Além de carregar o nome com todos os Y e PH, acrescentou o Gomide dos padrinhos, mas conservou os de origem: ficou pis, Marphysa da Costa Campos Gusmão Gomide. Um sobrenome muito gosmoso, não resta dúvida. Isto lhe acarretou alguns dissabores, em terra estrangeira, como veremos mais tarde. (RODRIGUES, 1981, p.20)

Além da nomeação das crianças, o antigo está presente na imagem da família, um modelo hoje totalmente transformado. As famílias apresentadas em *Marphysa*, além de numerosas (pelo menos dez pessoas em cada), eram compostas por parentes e pessoas não consanguíneas. De fato, as casas eram enormes e abrigavam, além dos familiares, os serviçais e pessoas idosas que, a troco de casa e comida, prestavam pequenos favores à dona:

Era comum, nesse tempo, aboletar em casa de família, pessoas idosas, solteiras, ou viúvas, descompromissadas, enfim, e a estas, em troca do pão e do teto, se

atribuíam incumbências de ajuda ao casal; trabalhinho de leve, na maioria das vezes, para que não fossem confundidas com serviçais, mas longe de se ombrear com a patroa legítima. (RODRIGUES, 1981, p.89)

Como se observa, existe ainda na Cuiabá do início do Século XX uma composição familiar ainda muito próxima à unidade familiar comum no Brasil colônia, em que as relações de favor contribuem para o aumento de seus membros, com a agregação de pessoas que representam, na verdade, mão de obra não remunerada.

Além desse aspecto, outros dados acusam o lado provinciano da Cuiabá do início do Século XX, como, por exemplo, os festejos diversos, que eram organizados, incluindo a preparação do cardápio, na própria residência, um costume que, ainda hoje, é possível constatar em algumas comunidades rurais brasileiras.

Neste mundo marcado por uma cultura provinciana, a sabedoria popular transmitida oralmente de geração a geração também ainda é muito forte. Podemos observar isso, por exemplo, na relação dos presentes oferecidos pelos convidados a Marphysa, no dia do seu batismo:

Os participantes traziam uma caixinha atada com fita cetim: era uma Santa Luzia para proteger os olhos, um São Brás, contra engasgos, um Senhor divino para iluminar a mente, tudo de ouro puro, maciço, como dizia a parteira, também figura ativa, porque ela acompanhava o farrancho dos quarenta dias e demais funções. Também não faltaram: dente de lobo no encaixe, para facilitar a dentição, figa de ouro contra quebranto, figa de coral para dar saúde, enfim, tantos mimos que a criança ficou rica de presentes. (RODRIGUES, 1981, p. 21)

Além de algumas práticas culturais comuns aos demais centros urbanos surgidos no período colonial, o livro registra também costumes curiosos





peculiares à sociedade cuiabana, como os relatados sobre os tipos de velórios:

No primeiro, ninguém podia rir, nem contar anedotas. As pessoas circulavam gravemente de roupas pretas, não dispensando aos homens o paletó e a gravata. Quanto às mulheres, procuravam sempre um vestido tarjado de preto ou cinza, para patentear o seu pesar.

Continuemos: o velório do remediado era sempre regado a cafezinho e, depois da meia noite, se prolongava fora; havia um mate com pão quente, pois as padarias só fabricavam o pão, depois da meia noite. Era uma ótima oportunidade para flirtes e muito casório foi alinhavado em velórios desse tipo. O do pobre era uma verdadeira festança. À porta da rua, grupos de cantadores, com violão em punho, às vezes o cavaquinho, ensaiavam uma cantarola, tipo serenata, que ia até o amanhecer. Dentro era um arrastar de pé e de cadeiras em brinquedos de prenda, e de preferência se praticava o “MINHA DIREITA ESTÁ VAZIA”.

(...)

Além destes programas, havia cenas cômicas, quando alguma tia ou a própria mamãe obrigava a menina medrosa a arrodar o caixão três vezes, para perder o medo das almas de outro mundo, terminando a rodada com um beijo nos pés do morto, isto é, nos seus reluzentes sapatos novos.

O pior era pegar a mão do morto enquanto quente, isto é, antes de endurecer, e passá-la no pescoço das meninas, mocinhas, para curar o mal do papo.

(...)

Também havia enterros de anjinho. As crianças é que deveriam desempenhar este mister. Com sol de duas horas da tarde, para não pegar o cair da noite, em lugares ermos, lá iam, às vezes, apenas quatro crianças, segurando velas ou flores já murchas, pela soalheira, a balançar o corpinho frágil e de branco transparente, que na verdade parecia a própria vela de cera em forma humana.”

(RODRIGUES, 1981, p. 11-3)

Todos esses costumes tornavam a Cuiabá de antanho um espaço com características únicas nos recôncavos

sertanejos do Brasil Central, em que a vida corria entre crédula, alegre e preguiçosa. Entretanto, se por um lado, notamos claramente nesta sociedade os símbolos de uma cultura ruralista, por outro, começam a ser incorporados também costumes modernos. De fato, no casamento da protagonista temos a oportunidade de ver que a moda cuiabana do início do século estava afinada com as modistas dos salões cariocas, como se depreende do texto abaixo:

O vestido de noiva veio do Rio de Janeiro, da Casa Canadá, que se iniciava, dirigida pela jovem Mena Fiala. De pronto, não agradou ao sabor caipira, pois havia pouco brilho. Nada de lantejoulas e canutilhos, mas o corte, o acabamento eram impecáveis, e no corpo de Physinha, emprestava-lhe um aspecto de ânfora grega. O véu foi impalpável de tanta finura, cuidadosamente guardado, envolvido com papel azul de seda, para as bodas das filhas que tivesse.

O diadema de brilhantes era o mais lindo e valioso da cidade. Batia longe o das moças da Casa Orlando, trazido da Itália e o da comadre Delfina, uma senhora rica do Rosário Oeste.” (RODRIGUES, 1981, p. 51)

O baile foi a coroação da festa, com a quadrinha (dança já agonizante) dos noivos, com a parceria dos bailarinos veteranos, os compadres, as comadres ainda sopitadas nos seus espartilhos e a moçada já aderindo à moda nova, todas de carnes soltas, bem à vontade, cintura baixa. (RODRIGUES, 1981, p. 52-3)

No trecho acima percebemos de forma inequívoca a tensão entre duas épocas distintas na Cuiabá de *Marphysa*: por um lado, chama-nos a atenção a referência aos espartilhos e à quadrinha em decadência e, por outro, os modelos soltos e de cintura baixa e a roupa e acessórios da noiva, avessos “ao sabor caipira”. Outro trecho que nos mostra a tensão entre o antigo e o moderno é o que faz referências às poucas opções de lazer, na Cuiabá dos primeiros anos desse século:



Também ela aboliu esse hábito de passar o dia em casa de amigas. Trocar de roupas, calçar chinelas, não havia mais tempo para isso. Tinha de burnir as unhas, cuidar dos cabelos, proteger a pele, a cútis, como diziam. Quando muito se reunia para um chá, onde havia de tudo menos chá e a conversa incluía sempre rapazes da sociedade.(...) Passear de ônibus, do Porto à cidade, é programa para quem nunca viajara, nem vira coisa melhor. Os seus divertimentos se limitaram à retreta no Jardim Alencastro, às quintas e domingos, quando a banda se instalava no coreto, com programas de valsas sentimentais e ragtime, ou alguma sessão de cinema no Barracão de zinco, onde hoje se situa o Banco do Estado. Às vezes, porém, ela pensava que não pagava a pena se enfiar toda, para assistir aqueles filmes tão arrebatados, que até se perdia o fio do enredo. (RODRIGUES, 1981, p.41)

A tensão, no fragmento acima, está presente nos costumes e na diversidade cultural que se observa na cidade, evidenciando-se de forma mais clara na passagem em que são mostradas as péssimas condições do barracão de zinco, onde ocorriam as seções de cinema na época. Uma situação idêntica é observada na passagem que mostra em que condições rodavam os primeiros carros que chegaram à capital:

-Sair a passeio, no Fordeco, onde?... Se não havia rua trafegável? Era um monte de terra ali, buraco pra lá, poça d'água, animais, vaca e cavalos deitados no meio da rua, que nem davam bolas para a busina, que parecia uma seringa, de farmácia, colocada á à esquerda do chauffeur, fora do carro. Estradas, nem se falam...

As ruas eram de pedra cristal, excetuando a Rua Nova, que levava ao centro e fora recauchutada com a pedra canga triturada, para passar os carros que chegaram no bicentenário da cidade. Outros caminhos, nem era bom falar. Aos trancos e barrancos se ia até o Coxipó, pela estrada de cima. A de baixo, que era a da Linha de Tiro, era mais curta, beirando de mais perto o

rio, mas só indo de a pé, como repetia Teodolinda. (RODRIGUES, 1981, p. 70-1)

Como podemos notar, a Cuiabá do início do Século XX, nas memórias da autora de *Marphysa*, mostrava uma mistura desorganizada entre o novo e o moderno, entre uma cultura provinciana e rural e uma nova cultura que chega aos poucos, sob as insígnias da industrialização, mas que não encontra condições de se harmonizar no contexto. Assim, o carro chega na cidade, mas esta não dispõe de ruas trafegáveis, colocando em destaque uma tensão que está presente também em outras dimensões, como lemos no trecho a seguir:

Os refrigerantes, por exemplo, entravam de supetão (...) e se tornaram logo figuras de proa. Tanto que o netinho de D. Jandira, ao tomar conhecimento dos preparativos do seu aniversário, recomendou-lhe: 'Vovó, não me deixe passar o vexame do ano passado; a senhora me apareceu com refrescos de groselha e de flor de laranja; agora só usam refrigerantes, note bem!' Veio e proliferou o **radinho de pilha**, após a vitrola, que substituiu o piano nos bailes de família. Era só sintonizar na última altitude e o quarteirão inteiro ficava sabendo onde havia festa. O radinho de pilha, após os Irmãos Leme, foi o mais destemido bandeirante a penetrar por selvas nunca dantes devassadas. Veio com força total, modificando o nosso rasqueado, a nossa música regional, que se impregnaram de motivações da Rádio Record e da Rádio Nacional. Outra senhora respeitável, matrona que apareceu e se instalou na sala de visitas, foi a **geladeira**. Também custava tão caro que bem merecia uma entronização condigna. Fossem dizer que lugar de geladeira era na cozinha, você ouviria uma dissertação, que em resumo era o seguinte: "cozinha, sim, dos Estados Unidos, onde impera o asseio e tudo se resolvía num apertar de botões. Nas cozinhas fumerentas de fogão de material, raro um fogão de ferro, o melhor era mesmo situá-la entre o sofá e as almofadas da sala de visitas. Houve até aquele doutor que,





além de colocar este traste na sala de visitas, postou-a em frente à porta da rua, quando esta ainda podia permanecer sempre escancarada.

(...) Assim se modificava a vida cotidiana desta capital, com um certo retardamento, dentro do seu contexto.

A caneta esferográfica, acessível a todos os bolsos, veio tirar um pesadelo aos colegiais, que se livraram dos perigosos vidros de tinta e da inveja das custosas canetas-tinteiro, *Parker*, privilégio de uns poucos abonados. Até a rede, a alma das mansões cuiabanas, porque não havia casa sem, pelo menos, um armador em cada quarto. Havia alcovas com três a quatro armadores, nos cantos ou em diagonal, de acordo com a necessidade de cada um. Aos poucos, sem se pressentir, o divã de estofado de couro, tecido ou de oleado e as respectivas poltronas, foram substituindo, não apenas a mobília de palhinha, como a rede. (RODRIGUES, 1981, p. 111-2)

Coexistem de forma não harmônica dois tempos-espacos na Cuiabá apresentada no livro. As tensões, no caso acima, se concretizam na exigência do refrigerante como substituição aos refrescos da época, na impossibilidade

de convivência entre a geladeira e o fogão a lenha e finalmente, na substituição da caneta-tinteiro pela esferográfica, e das redes e móveis de palhinhas pelos divãs. De fato, no fragmento acima, como nos demais, o registro das tensões entre o antigo e o moderno são inequívocos, possibilitando-nos afirmar que a sociedade cuiabana abordada por Dunga Rodrigues em *Marphysa* é a sociedade que marca a transição do século XIX para o século XX.

Pelo que pudemos observar, as tensões entre o antigo e o moderno conferiam à Capital uma característica no mínimo peculiar, com situações que mais pareciam quadros surreais, incorporando no cotidiano da cidade, muitas vezes de forma curiosa e engraçada, símbolos do antigo e do moderno.

De linguagem simples, cronística na quase totalidade das páginas, o livro chama-nos a atenção pelo tom humorístico e pelo compromisso com o cotidiano da sociedade cuiabana. E é assim que *Marphysa* se afirma como um dos raros romances de costumes produzidos em Mato Grosso em sua época.

THE OLD AND THE MODERN IN THE CUIABÁ OF OLD, BY DUNGA RODRIGUES

ABSTRACT:

We aimed in this article, examine the tension between ancient and modern images of Cuiabá presented in the *Marphysa* book, by Dunga Rodrigues, published in 1981, but with the record of the customs of the capital of Mato Grosso at the beginning of the twentieth century. In the context of this study, the former refers to a pre-industrial society, knowledge and values attached to the quiet life in the interior of central Brazil. The modern refers to the innovations brought about by the modernization of Brazilian society in the early twentieth century, whose icons are represented mainly by the cultural life more hectic and the establishment of a new model of consumption, driven by the development of an industrial economy in the País. In this analysis we see that cuiabana society approached by Rodrigues in *Marphysa* is the society that marks the transition from the nineteenth to the twentieth century, marked by the tensions between old and new, which attributed to the Capital of Mato Grosso one characteristic peculiar who



seemed surreal paintings, incorporating the life of the city, often in strange and funny symbols of ancient and modern.

Keywords: Literature of Mato Grosso; novelist of manners, literary analysis.

Artigo submetido para publicação em: 02/09/2011

Aceito em: 05/09/2012

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Porto Alegre: Globo, 1966.

CÂNDIDO, Antônio. Dialética da malandragem. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 8, 1970, p. 67-88.

MOISÉS, M. *A criação literária: Prosa*. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

MORAES, Antônio da Silva. In: RODRIGUES, Dunga. *Marphysa*. Cuiabá: Fundação Universidade Federal de Mato Grosso, 1981.

RODRIGUES, Dunga. *Marphysa*. Cuiabá: Fundação Universidade Federal de Mato Grosso, 1981.

SILVA, Maria Célia Azevedo da. A caracterização e o papel dos 'costumes' urbanos do Rio de Janeiro nos romances de Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis. *Revista Habitus*. Rio de Janeiro, v.3, n.1, 2005. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~habitus/3costumesurbanos.htm>. Acesso em 30 mai 2011.

